

SERGE
GAINSBOURG

**EVGUENI
SOKOLOV**

Traduzido do original francês por
MARGARIDA MADEIRA

LIVRO 

Nesta cama de hospital, sobrevoada pelas moscas que sondam a merda, a minha, chegam até mim imagens da minha vida, por vezes precisas, amiúde confusas, *out of focus*, como dizem os fotógrafos, algumas sobre-expostas, outras, pelo contrário, obscuras, que, dispostas lado a lado, dariam um filme ao mesmo tempo grotesco e atroz, pela singularidade que teria a sua banda sonora, paralela às perfurações longitudinais do celulóide, de apenas emitir deflagrações de gases intestinais.

Com efeito, tomando por referência a minha memória vacilante, receio possuir desde a mais tenra infância este dom infuso, mas que estou eu a dizer, este iníquo infortúnio de largar ventosidades incessantes, mas, como tenho uma índole simultaneamente pudica e velhaca, aguardava sempre o momento propício para

soltar sem testemunhas e sem vergonha tais suspiros parasitas, e nunca ninguém ao meu redor discerniu em mim essa cruel anomalia. Julgo que por meio de relaxamentos dissimulados do meu esfíncter anal se expulsassem, no ar livre das casas de banho e dos jardins públicos, o hidrogénio, o gás carbónico, o azoto e o metano, e era certo que na altura conseguia impedir conforme a minha vontade esses vapores nocivos pela simples contracção da ampola rectal.

Hoje, acamado, ansiosamente à espera de uma terceira tentativa de electrocoagulação, vejo os lençóis enfunarem-se com as minhas ventosidades impetuosas e infectas, o controlo das quais, infelizmente, já perdi há muito tempo, e, enquanto pulverizo desodorizantes ineficazes, recapitulo a linha de um destino miserável e nauseabundo.

Os meios primeiros gorjeios de bebé emitidos por via anal em nada preocuparam a minha ama, uma leiteira de seios *pullman* a quem eu devovia sistematicamente contra os olhos, levadas pela corrente das minhas

ventosidades, pequenas nuvens do talco com que me polvilhava o rabo, isto porque, enquanto me peidava, não deixava de dar ares de rato estridente de sorriso pasmado.

De seguida deu-se o desfile das enfermeiras, qual bailado de alta-costura. Uma ensinou-me por alto o alfabeto cirílico, outra a fazer o ponto musgo e o ponto *jersey*, uma terceira a tocar harmónio, e nenhuma delas aguentou mais de três meses os fedores emitidos pelo meu.

No colégio, nas latrinas turcas de porta vai-vém, sendo o mestre-escola o único a dispor da chave, por acreditar que aquilo que lá fazia era mais precioso, o medo dava-me um nó na garganta e outro no ânus, impedindo-me de emitir os meus ruídos parasitas, chinfrineira essa que se ouvia até no pátio coberto, apesar de mesmo ali ao lado os outros, com os mesmos modos peremptórios com que faziam uso do papel de jornal, não padecerem de qualquer complexo quanto a que se escutassem os seus assuntos secretos.

Ignorando os lançadores de ganizes, de berlindes e de piões, já que todos estes jogos

exigem uma posição de agachamento muito favorável à expulsão das ventosidades, bem como o jogo das escondidas, durante o qual os peidos denunciavam infalivelmente a minha presença, mais o jogo da macaca, em que os meus *knickerbockers* se enfundavam a cada salto, escondia-me no transiberiano cuja locomotiva utópica dominava, atravessando a pequenos passos de atrasado mental viadutos oscilantes, sondando túneis infinitos pontuados de pouca-terra-pouca-terrás e u-uuus oleíferos, fazendo manobras tão cativantes que por vezes marcavam as minhas cuecas com cataplasmas de mostarda.

Cedorevelei uma forte inclinação para o desenho, mas a espontaneidade dos meus esboços e a frescura *naïf* das minhas aguarelas depressa foram sossegadas pelos pedagogos a quem nada diziam os meus balões cúbicos, coelhos axadrezados, porcos azuis e outros fantasmas embrionários, e como eu era obrigado a obedecer, vingava-me na piscina, onde largava ao pé deles bolhas irisadas que subiam a borbulhar até à superfície antes de

rebentarem no ar, libertando os seus gases contestatários.

No dormitório, o problema era dar livre curso às minhas ventosidades sem acordar ninguém, mas, na primeira noite, depois de dois ou três estoiros disfarçados em simulações de ataques de tosse, chegou-me por instinto a solução, bastava um dedo delicadamente insinuado no esfíncter e os gases passavam sem causar o mínimo alarme, e, de dia, enquanto percorria vagamente com os olhos Catulo, *Quid dicam gelli quare rosea ista labella*, não me privava de largar ventos em surdina enquanto olhava insistente para os meus colegas do lado, e tal era a minha fleuma que nunca os olhares desconfiados provocados pelo aroma se dirigiam a mim, e quando era chamado ao quadro, o professor era levado a castigar a turma inteira depois de ter tentado em vão saber qual dos seus jovens galhardos lançava bombinhas de mau cheiro.

As minhas férias eram passadas em evasões solitárias falhadas por areias do Norte, perante horizontes inacessíveis para onde,

tremendo à custa das ventanias crepusculares, enviava, qual meteorologista, balões de grande altitude saídos do meu âmago, e o vento levava as minhas fumarolas e dissolia esses fogos-fátuos do diabo em turbilhões fascinantes e mágicos.

Fui expulso do colégio por indisciplina e entrei com o alento dos meus ventos na escola de Belas-Artes onde, apesar de mediocre a matemática avançada, optei sem convicção por estudar Arquitectura.

Aí, precisei de me dominar, tendo em conta que as aulas eram mistas. Aprendi assim a controlar-me um pouco, senão mesmo a curar-me; situando-se o *atelier* no sexto andar de um anexo da escola, obriguei-me a lançar os meus petardos a cada degrau e consegui aguentar-me algum tempo, tempo esse que me viu passar, sempre acompanhado dos meus gases, da trigonometria à pintura.

Comecei pelo carvão e a cada alvorada montava o tripé do cavalete junto do Perseu de Cellini, fascinado como era pelo pescoço cortado da *Medusa*, e, nessas galerias

habitualmente desertas, onde o eco me devolvia os meus descuidos que corriam entre bronzes e gessos e se repercutiam com estrondo sob as vidraças, senti alguma felicidade. Depressa tive de passar ao modelo vivo e foi com um olhar frio, do qual toda e qualquer complacência animal se encontrava ainda excluída, que descobri a nudez feminina. Desse amontoado de carne flácida, desses corpos inchados ou ossudos, dessas púbis bege-escuras, ruças ou cor de corvo de onde por vezes saía, no ângulo agudo de um triângulo isósceles, o fio de um tampão menstrual, nasceu em mim uma misoginia furiosa que nunca mais me largou, enquanto a minha mão idealizava tudo isso em esboços mordazes e coléricos, que eu rubricava, ao regressar a casa, com finos esguichos de esperma, autógrafos desgastantes que me levaram instintivamente a uma pequena prostituta da periferia, Rose, Agathe, Angélique, um nome de planta, de pedra ou de flor, que importa, que introduziu o meu bastão na boca ao mesmo tempo que eu larguei um peido digno de pedreiro, que teve sobre a pequena,